

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2015  
Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *Arquipélago*  
Autor: Joel Neto  
Revisão: Joaquim E. Oliveira  
Paginação: Maria João Gomes  
Capa: Marina Costa / Marcador Editora  
Fotografia de capa: arquivo pessoal do autor  
Fotografia de contracapa: © António Araújo  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-169-8  
Depósito legal: 392 286/15

1.ª edição: Maio de 2015

## TÁBUA DE PERSONAGENS

### OS DRUMONDE

**José Artur Drumonde**, um homem à procura de algo, e que no fim disporá de uma oportunidade de redenção

**André Gouveia Drumonde**, filho de José Artur

**José Guilherme Drumonde**, avô de José Artur e aquele sobre quem recaem as primeiras suspeitas

**José Rúben Drumonde**, pai de José Artur e filho de José Guilherme, amante de poesia, bem-aventurança e algum *brandy*

**Graciete Drumonde**, mãe de José Artur e primeira mulher de José Rúben

**Maria Edite Drumonde**, ou «Mariquinhas», mulher de José Guilherme

**Filomena Gouveia**, ou «Mena», ex-mulher de José Artur e mãe de André

**Ana Bela Drumonde**, a flausina, segunda mulher de José Rúben

**Papillon**, cão e epifania

### OS SILVEIRA-GOULART

**Deodato Silveira-Goulart**, ou Deodato da Aninhas, latifundiário e endireita

**Pedro Orlando Silveira-Goulart**, também dito Pedro Orlando «Jadeu», um homem desprovido de compaixão

**Luísa Bretão**, viúva bela e misteriosa, em direcção a cujos afectos José Artur demorará a dar um passo

**Maria Rosa**, filha dela e comparsa de José Artur, uma maria-rapaz que sabe tudo sobre bicicletas e raças de vacas

**Álvaro Augusto Silveira-Goulart**, «O Fuso», com cuja boa vontade tudo começou

**Tozé Bambela**, sobrinho de Deodato Silveira-Goulart, o falecido marido de Luísa

**Ana Maria Silveira-Goulart**, ou «Aninhas», mulher do Fuso, que virá a desempenhar um papel interessante na história

## OS AÇORIANOS

**Elias Mão-de-Ferro**, um *cowboy* solitário de quem se diz que batia na mulher

**Boanova Mão-de-Ferro**, a sua falecida

**David Mão-de-Ferro**, o filho de ambos, também falecido

**António Soares**, igualmente dito «O Cabrinha», ou «O Careca», taberneiro e piadético

**La Salete Soares**, filha deste, cozinheira e apaziguadora de solidões

**Hildeberto Ligeiro**, uma espécie de Burt Reynolds, antigo noivo de La Salete

**Elisabete Dutra**, também chamada Elisabete «Sarralha», a criança a quem pertencem os ossos

**Manuel Jácome Dutra**, também dito Jácome «Sarralha», irmão de Elisabete, e que terá sido levado para a América

**Ana Maria Linhares**, ou Ana «Sarralha», heroína romântica

**Manuel Roque Dutra**, antigo subchefe da Polícia e marido de Ana

**Paulo Jorge Linhares**, irmão de Ana «Sarralha» e tio de Elisabete

**João Rómulo Cristóvam**, motorista de autocarro e conselheiro espiritual

**João de Brito Silva Carreiro**, o actual «Zanguinha», advogado e homem de gratidão

**Ezequiel de Brito Carreiro**, o «Zanguinha» original, aventureiro e mártir

**Maria Palmira**, mãe dos «Zanguinhas», camponesa e viúva sofrida

**João de Brito Carreiro**, pai dos «Zanguinhas», há muito falecido

**Violeta Berquó**, Audrey Hepburn na idade a que Audrey Hepburn não logrou chegar, e cujos sapatinhos Oxford não se sujam na terra

**Eleutério Toste**, chefe da Polícia

**Vieira**, agente da Polícia

**Mário Gil Bettencourt**, jornalista

**Fernando Estácio**, ou «Estacinho», maioral da Quinta dos Fusos

**Bodé**, surdo-mudo

**Luís Webber**, feitor e galã

**Jacinto Estevinho**, mestre de obras

**Elvino dos Vimes**, cesteiro

**Dimas**, vendedor de tintas

**José Pedro Serrão**, engenheiro do Gabinete de Apoio à Reconstrução

**Poeiras**, antigos vizinhos de José Guilherme

**Cândido**, pai de Raquel

**Raquel**, filha de Cândido

**Tom Spiker**, ortopedista neerlandês

**Gudrun Sjödén**, estilista sueca

**Eng.º Sant'Anna**, pretendente de La Salette

**Eurico**, guarda de São Jorge

**Fátima Berbereia**, professora de São Jorge

**Alvarina Xidoca**, mulher que nunca mais prestou

**Estopa**, um homem com os dentes muito afastados

**Rapaz de sapatilhas cor-de-rosa e boné tão amarelo que feria a vista**,  
mecânico do *Boca de Sapó*

**Maturette**, o segundo cão de José Artur

**Clusiot**, o terceiro cão de José Artur

**David**, o cão de Elias

**Gordon Mason**, negociante inglês que passou nas ilhas em 1880 e apanhou  
um susto dos diabos

## OS CONTINENTAIS

**Francisco Deusdado**, amigo e iconoclasta

**Stéphane Braccara Duarte**, amigo

**Maria Antónia Vasconcellos**, ou «Toya», ou «Mitó», um beco sem saída

**Avós e Tios de «Toya»**, uma família da Estrela

**Bernarda**, tia de «Toya»

**João Torcato Salvaterra**, professor catedrático e director do Departamento  
de História

**Óscar Pereira Câmara**, o homem cuja reforma trará muitas chatices

**Helena Fazendeiro**, docente rival do Departamento

**Paula**, docente estagiária do Departamento

**Sr. Acácio**, chefe da secretaria da faculdade

**Íris**, ex-aluna

**Catarina**, jovem arqueóloga por quem José Artur se apaixonou

**Nuno Perestrelo**, colega de liceu

**Professor Perestrelo**, arqueólogo, pai de Nuno

**Miguel**, antigo colega de faculdade

**Fernando Silva**, empregado de balcão

**Rapariga sem nome**, que partilhava o apartamento com «Toya» e tinha de esperar cá fora

**Paulo Rui**, segundo marido de Mena Gouveia, e que por causa desse des-  
plante vai no fim

\* Algumas personagens desta história inspiram-se em pessoas que existem ou existiram, e em diferentes casos partilham com elas os nomes, embora quanto às biografias e às impressões tenham sido tomados todos os tipos de ousadia criativa; os lugares são em regra verídicos, à excepção sobretudo da dita «Quinta dos Fusos», que (entre outras liberdades) integra elementos de várias quintas da freguesia da Terra Chã, na ilha Terceira.

## ÍNDICE

SEQUÊNCIA 000. ....	15
PRIMEIRA PARTE	
<b>A terra tremendo-nos debaixo dos pés</b> .....	19
SEGUNDA PARTE	
<b>As cinco partes de um homem</b> .....	135
TERCEIRA PARTE	
<b>A conspiração</b> .....	261
QUARTA PARTE	
<b>Luísa</b> .....	347
QUINTA PARTE	
<b>Vingança</b> .....	379
EPÍLOGO .....	443

## SEQUÊNCIA 000.

– **D**eixa-o morrer – disse o velho, e as suas palavras ecoaram como se brotassem do horizonte, das grandes montanhas verdes atrás de mim, com os seus muros em pedra de lava, do mar que arremetia contra o outro lado do molhe.

O menino ergueu os olhos para ele, um instante de silêncio instalado agora entre os dois.

– Coitadinho do melrinho – arriscou, e envolveu com as mãos a ave prostrada sobre a pedra húmida, num último esforço para persuadir o velho.

– Não é um melro. – O pai nem levantou a voz, tão serena e atoadora como de início. – É um cagarro, e eu já te disse que o deixes morrer.

Escorregou-me um pé e reequilibrei-me com dificuldade, temendo ser descoberto. Tornei a agachar-me junto às rochas, os vultos informes de basalto negro separando-me da estreita faixa de cascalho onde, no Verão, os banhistas estendiam as suas toalhas.

A criança fez um gesto suplicante. Ajeitou os dedos em torno do animal, um grande bico amarelo insinuando-se de um tufo de penas cinzentas e castanhas. O velho inspirou devagar, o semblante fechado por detrás das barbas brancas.

– Há muita coisa que podemos aprender com eles, sabes? Pardelas-de-bico-amarelo é como na verdade se chamam. Todos os anos voam

milhares de quilómetros, vindas de África e da América do Sul, para fazer ninho no mesmo lugar onde passaram o Verão anterior.

O mar voltou a atirar-se contra o paredão, o vento soprando a intervalos incertos. O menino baixou os olhos, um crepúsculo precoce anunciando-se ao fundo, para além da neblina que envolvia as ilhas em frente.

O cagarro ergueu-se timidamente sobre as patas. Tentou abrir as longas asas, como se testasse as suas possibilidades. Fechou-as e acorou-se de novo. Uma rajada fustigou a criança, mas em nenhum momento ela tirou as mãos do pássaro.

– É uma espécie monogâmica. Sabes o que isso quer dizer? – retomou o velho. – Só tem um parceiro durante toda a vida. Vive muitos anos, mais do que certas pessoas.

Aconcheguei-me melhor, as irregularidades da rocha percutindo-me os pés. Tentei segurar-me a uma protuberância que se formava por cima da minha cabeça, como o corno de um rinoceronte, mas o meu corpo era ainda demasiado pequeno. Seixos miúdos rolaram com os meus movimentos, e o seu ruído em cascata fez o menino desviar o rosto na minha direcção, obrigando-me a encolher-me.

O pai manteve-se impassível.

– Ao chegar o fim do Verão, vão-se embora e deixam as crias ao cuidado de si mesmas. Ficam à espera delas do outro lado do mar, e é aí que elas vão ter. – Abriu as mãos. – Está-lhes no sangue. Sabem o oceano, sabem a região e sabem a própria jangada em que os pais se encontram, no meio de outros cagarros ainda, todos agarrados uns aos outros. Só um em cada dez consegue alcançar o seu destino. Muitos morrem pelo caminho, outros nem sequer chegam a sair aqui da ilha. Tentam orientar-se pelas estrelas, à noite, mas confundem-se com as luzes das casas e dos postes eléctricos. Esbarram contra elas e caem inanimadas.

O menino fez um esgar de susto. Engoliu em seco, o olhar dividido entre o velho e a ave aos seus pés.

– Mas este nem sequer está ferido. Ainda pode ir ter com os pais dele. Só precisa de descansar um bocadinho.

O velho meneou a cabeça.

– É a lei da natureza. – E quase foi possível detectar um resto de ternura nas suas palavras. Agucei o ouvido. – Eles têm de voar milhares de quilómetros sobre águas frias e quentes, ao sol e à chuva, com vento de todas as direcções. Se não forem capazes disso, não servem para a vida. Deixa-o morrer.

Afastou-se dois passos e virou-se para trás, à espera de que o filho o acompanhasse, as suas palavras ressoando dentro de mim como tempestades.

A criança soergueu-se, as mãos ainda em volta da ave agachada sobre os seixos. Hesitou. Debruçou-se sobre ela, afagando-lhe a testa pequenina. Pôs-se de pé.

Começou a caminhar na direcção do pai que se afastava, sempre sem tirar os olhos do bicho. Deteve-se e regressou num salto para junto dele, acariciando-o uma última vez.

O vento soprou forte, as ondas do Atlântico Norte, recolhidas por instantes, preparando nova investida. Tudo em redor era agora quietude e abandono.

Então, o velho voltou de rompante para trás, afastou o menino com um empurrão, ergueu alto o joelho e, num movimento seco, esmagou o crânio do pássaro com a sola da bota.

– Já te disse que o deixes morrer.

Agarrou o filho pelo braço e arrastou-o praia fora, sem que, ainda assim, a sua voz sofresse qualquer inflexão.

A terra tremeria poucos meses depois, e de qualquer modo nenhuma das nossas vidas alguma vez tornaria a ser a mesma.



## PRIMEIRA PARTE

### A terra tremendo-nos debaixo dos pés

«Ele sentou-se e olhou para a ilha. Podia estar a pensar: perecemos, cada um sozinho; ou então podia estar a pensar: alcancei, encontrei. Mas não disse nada.»

Virginia Woolf,  
*Rumo ao Farol*



# Capítulo I

Ilha Terceira

2015

## 001.

Para onde vai a dor? A dor, sim: a dor de alma e a própria dor física. Para onde vão? O que resultará delas?

«Se tudo se transforma noutra coisa», perguntou-se José Artur Drumonde, «no que se transforma a dor, afinal?»

Até que começaram a surgir ossos humanos entre as pedras que os homens iam revolvendo – de início apenas hastes curtas e esguias, a seguir o que pareciam costelas, anéis espinais de diferentes dimensões, um pequeno crânio.

E, no momento em que ele os olhou, delineando um esqueleto de criança, o mundo inteiro converteu-se noutra coisa que não apenas uma farsa encenada a pretexto dos seus fracassos.

## 002.

Os trabalhadores haviam chegado nessa manhã, carregados de caixas e utensílios. Mesmo assim, tinham partido duas vezes, primeiro porque as ferramentas não eram suficientes e depois porque já não valia a pena começar o trabalho antes da hora de almoço.

A rábula durava há semanas.

– Portanto, arrancamos amanhã, não é assim, senhor Jacinto? – perguntava a cada domingo José Artur, ao telefone.

– Fica descansado, home’, que amanhã a gente estamos aí às oito.

Na segunda-feira, não estava lá ninguém. Nem às oito, nem às nove. Nem às nove e meia. Às dez, José Artur tornava a ligar, já arrastando a voz, como quem ainda não se tivesse decidido entre a conformação e a súplica.

– Está lá, senhor Jacinto?...

– Home’, ainda bem que chamas para mim – respondia o empregado. – Houve aqui uma caldeação com um telhado que caiu em São Mateus.

Se não era uma caldeação com um telhado em São Mateus, era outra coisa qualquer. Nunca perdia a oportunidade de dramatizar.

Até que, naquela segunda-feira, se dera o milagre. Estava José Artur ainda na cama, deitado na mesma posição em que se deixara adormecer, com um livro no colo, quando a campainha tocou.

– Eh, rapaz, esse cão ‘tá amarrado? – gritava lá de baixo o homem, rindo-se. Vinha orgulhoso da sua própria generosidade, uma carrinha de caixa aberta estacionada do outro lado da rua, três operários de pé, com botas de trabalho e rostos sérios, fumando.

– Como é? Ainda ‘tás na cama? Toca a levantar, que é dia de trabalho!

José Artur ergueu-se de um salto, excitado como um adolescente. Ofereceu-lhes café e bolachas. Quase os abraçou.

Depois levou-os numa volta pela casa, recapitulando o trabalho a fazer. Mostrou-lhes o quintal das traseiras, onde seriam plantados um jardim e uma horta. Falou-lhes do telheiro que pretendia construir para arrumar o carro e secar a roupa, a salvo da humorosa meteorologia das ilhas.

No fim, desceram todos à cave.

– Este piso foi uma loja à moda antiga, mais tarde uma garagem e agora é isto que não se percebe muito bem o que seja. Vamos começar por aqui. Quero rasgar estas paredes e fazer um *open space*. – Um dos serventes ergueu uma sobrancelha. – Um salão – corrigiu-se José Artur.

Os trabalhos, como seria de esperar, só se iniciaram passadas horas. Jacinto Estevinho, que já o tinha ido ajudar a reabrir o portão que José Guilherme emparedara, havia afinal compreendido mal as modificações a empreender. E, se bem se lembrava, José Artur não lhe falara na necessidade de ampliar a área.

Portanto, foi preciso voltarem os trabalhadores todos ao armazém, para carregar a carrinha com pranchas, tubos de andaime, martelos pneumáticos e picaretas de vários tipos e tamanhos. E, como entretanto os estômagos começavam a dar horas, decidiram despachar logo esse assunto também, no que esperavam vir a ser considerado uma prova da sua eficiência.

À tarde, um dos serventes já não apareceu, por causa de um filho adoentado. Mas o trabalho arrancou na mesma, o que parecia promissor.

José Artur esteve por ali um bocado, enquanto os homens desimpediam o chão, montavam o contentor para o entulho e testavam a eficácia das ferramentas. Ao fim de algum tempo viu um deles ligar o martelo pneumático e achou melhor retirar-se, para não enlouquecer.

Passou as horas seguintes ao computador, pesquisando, imprimindo e agrafando, a ver se compensava o tempo perdido ao longo das semanas em que estivera sem electricidade. Se lhe ocorria pôr-se a aprofundar o que lia, de esferográfica em riste, cedo tinha de abandonar a tarefa, de tal maneira era ensurdecador o barulho proveniente da cave.

Até que se fez silêncio. Depois esse silêncio acentuou-se. Foi-se prologando.

José Artur sentiu logo que algo estava errado. Faltava demasiado tempo para o fim do expediente – mesmo aqueles mestres em particular, tão obviamente dados à lassidão, sentir-se-iam agora renitentes em abreviar uma jornada de tal modo acidentada.

Dali a pouco tinha o empreiteiro a bater à porta, com um ar encolhido e o boné dobrado na mão. Um pombo bateu as asas por entre as folhas do plátano, voando para longe. A imobilidade tornou a instalar-se. Só então Jacinto conseguiu articular:

– Eh, huóme, é melhor vires ali abaixo ver uma coisa.

003.

– Mas, diga lá, o que achou do dérbi de ontem? – perguntava agora na direção de José Artur o polícia maior, numa voz cavernosa.

Trazia galões nos ombros e a cabeça descoberta, e quem o olhava de repente julgava ter entrado em rota de colisão com alguma coisa de colossal deslocando-se ao seu encontro. Assobiou.

– Grande jogo. Qual é a sua cor? – insistiu, e continuou com a tarefa, como se organizar ossos humanos e pôr-se a reconstituir a estrutura que um dia haviam formado, imaginando a pessoa que se sustentara sobre eles e as razões por que morrera, fosse coisa de todos os dias.

José Artur veio até à porta da garagem e levantou os olhos para oeste, no sentido da serra que se estendia para lá dos bosques. O vento empurrara a neblina para longe e o ar secara um pouco, ameaçando frio.

«A que se reduz, no final, uma pessoa?», perguntou-se. «Um pequeno amontoado de ossos, sem cheiro e quase sem peso: entre o que resta desse corpo e o que lhe falta para uma pessoa inteira, onde se encontrará ela agora?»

– Mas, então – voltou a conversar lá de dentro o chefe, remexendo nas pedras –, é para abrir isto tudo e fazer uma divisão só? Tem licença para a obra? – E apertou os lábios, trocando um olhar com o agente que o acompanhava, como se reprimisse uma gargalhada.

José Artur virou-lhe costas e saiu.

Do outro lado da estrada, um homem de camisa aos quadrados e pasta a tiracolo ergueu-se do muro a que estava encostado há algum tempo. Atravessou o largo, tentando espreitar através da porta entreaberta.

– Boa tarde. – Estendeu a mão. – *Diário Insular*. Mário Gil Bettencourt. Pode-me chamar Mário Gil, se quiser.

José Artur cumprimentou-o, hesitante. Estava frio, agora, frio de verdade para um dia de Verão, e ter os jornalistas envolvidos naquilo fazia-o sentir-se mais enregelado ainda.

– José Artur Drumonde, não é assim? – disse o homem. – Ou deveria antes chamar-lhe José Artur Carrapicho?

José Artur olhou-o melhor: metro e meio mal medido, nariz emperdigado, olhos num sobressalto. Dir-se-ia que farejava, se o seu aspecto não fosse antes o de um buldogue, mais vocacionado para uma luta corpo-a-corpo do que para o exercício do olfacto.

– Chame-me como quiser. Não creio que haja aqui alguma coisa que lhe interesse.

O homem estacou. Arrumou o pequeno gravador na pasta, e fê-lo com uma expressão teatral, de que manifestamente pretendia tirar dividendos.

– Uma criança? Tantos anos depois? Nesta casa? Com certeza que me interessa. – E baixou a voz, como se a presença dos polícias ao fundo, trabalhando agora calados, desaconselhasse aquele diálogo. – Porque se pôs a escavar aqui na garagem?

José Artur franziu o sobrolho. Levou a mão ao bolso e tirou o maço de *Além-Mar*.

– Obras de ampliação – disse, desconfiado ainda. – Não tenho licença. Mande-me prender. – Levou um cigarro à boca. Procurou o isqueiro.

O jornalista fixou-o nos olhos, satisfeito por, apesar de tudo, ter sido estabelecida a comunicação. Fez um trejeito.

– Trinta e cinco anos... Quem haveria de dizer? – E fitou-o de novo. – Ah, mas eu sabia que valia a pena esperar!

José Artur tirou o cigarro da boca, sem o acender.

– O que é que quer dizer com isso?

Lá dentro, o chefe e o agente trocaram uma instrução em voz alta. O jornalista desconversou de imediato:

– Não li, não. *Carnavais Portugueses*, diz o senhor? – perguntou, num tom demasiado deliberado. – Não, não li. Não sou muito de ler. Vejo é muitos filmes. Sou capaz de ver seis, sete, oito filmes num fim-de-semana. Vejo e revejo. Ler, nunca gostei. Às vezes começo um livro, mas aborreço-me. Vejo é muitos filmes.

José Artur sacudiu a cabeça, perplexo.

– De onde veio isso agora?

Mário Gil Bettencourt tornou a espreitar através da porta, na direcção dos polícias que continuavam a trabalhar na pequena ossada. Murmurou:

– Eleutério Toste. – E fez sinal com a cabeça.

– Como?

– Esse cabrão. Pergunte por aí e logo vê.

– Ah, sim. Chefe Toste. O que tem?

– Acha que um homem passa a ser confiável apenas porque, antes de sair de casa, veste uma farda azul?

José Artur respirou fundo. A dor no cotovelo direito tinha regresado, e agora estendia-se-lhe pelo antebraço. Sentiu-se muito cansado.

– Ouça, cavalheiro, como vê estou bastante ocupado. Se me permite...

– Ah, faz bem, faz bem – interrompeu o jornalista. – Claro, são muitos anos. Eu também estaria preocupado.

José Artur revirou os olhos. Fez menção de entrar, mas entretanto o chefe saía à sua procura.

– Professor doutor Drumonde – declamou, com um ar de gozo. Parecia sempre prestes a rebentar de riso, como se qualquer coisa pudesse deixá-lo à beira das lágrimas: a chuva e o sol, uma ameaça de fiscalização a uma pequena obra doméstica ou o choque de um grupo de trolhas perante a descoberta de uma ossada de criança. – Quais são os seus planos para o resto do dia? Vamos precisar de mais um bocado aqui. A malta da técnica está atrasada.

«Demore o tempo que precisar», ia a responder José Artur, mas já Mário Gil palavra outra vez:

– Pedro Francisco. Deve ter ouvido falar. Um metro e noventa e oito de homem. Raptado num dia de Pentecostes, na freguesia do Porto Judeu, e levado para a América. George Washington não teria ganho a guerra sem ele. Irmão do tetravô do meu bisavô. Tenho a árvore genealógica pronta. Porque é que não escreve um livro sobre ele?

O chefe pareceu deter um olhar no homem, desconcertado.

– Demore o tempo que precisar – atalhou José Artur.

O polícia cofiou o queixo.

– Muito bem – disse, num sorriso parvo. – Antes do jantar, acabamos de certeza. De barriguinha vazia é que não dá.

José Artur sentiu nova pontada no cotovelo. Virou-se para trás, agarrando o braço.

– Bom...

O jornalista certificou-se de que os polícias não o ouviam. Sussurrou:

– «Bom» é como quem diz. O senhor sabe bem de que ossos estamos aqui a falar. – Chegou-se mais perto dele. – Sabe a quem pertencem e, quando encaixar que apareceram na garagem do seu avô, num aterro feito pelo seu avô, então vamos ter de conversar.

Ergueu os olhos lá para dentro. Inclinou-se na direcção de José Artur.

– Para já, é melhor dar-lhe um dia ou dois, para acertar as ideias. – Compôs a pasta ao ombro. – Eu telefono.

Entrou no automóvel, ligou o motor e desapareceu estrada abaixo.

O céu tingia-se agora da luz oblíqua do ocaso. José Artur fechou os olhos, aspirando o remanso e a terra fresca. Nenhuma outra hora do dia o reconfortava como aquela em que tudo se misturava e fundia, numa mesma fluidez melancólica. Gostaria de estar ao computador, em paz, a esboçar hipóteses. Gostaria de poder recomeçar o dia e não ter iniciado aquela escavação.

Voltou para dentro e, pela primeira vez, viu os ossos dispostos como um esqueleto inteiro – os pés pequeninos, as pernas muito curtas. Faltavam ainda algumas costelas e um braço permanecia incompleto do cotovelo para baixo. Havia neles algo de frágil e de estóico. Sentiu vontade de chorar, e foi como se, por um instante, quisesse ser aqueles ossos, o corpo que eles formavam, outro corpo qualquer.

– E o resto do braço, ó Vieira? – perguntou o chefe, e a rudeza com que o perguntou doeu-lhe.

Lá fora, um relâmpago rasgou os céus, iluminando os três homens. O trovão rumorejou ao longe, mas foi como se tivesse explodido dentro da própria cave. José Artur estremeceu.

O agente tirou do bolso uma fita métrica e esticou-a sobre a pélvis da criança. O chefe apontou a máquina fotográfica, agora com um semblante sério. Abriu os olhos, numa repreensão silenciosa, e o agente apressou-se a corrigir a posição da fita.

José Artur perguntou-se o que seria mais sinistro, se o ânimo gelatinoso do chefe, se o servilismo amedrontado do subalterno. Depois inspirou fundo, passou a mão na cabeça e soprou todo o ar que tinha nos pulmões.

– Não vale a pena. É uma menina.

#### 004.

A noite cerrara-se depressa sobre a Terra Chã, e a tosca iluminação dos troços onde não havia casas de habitação obrigava-o a subir às cegas a estrada a que davam o nome de Fonte Faneca, a partir do lugar dos Dois Caminhos. Afinal, a chuva caíra com estrondo mas demorara-se pouco, impelida no sentido dos grandes cones vulcânicos do interior da ilha. O cheiro doce do húmus, aquela delicada combinação de erva molhada, leite morno e bosta de vaca, provocava-lhe uma inesperada sensação de bem-estar.

«Sim, pode amar-se uma casa como se ama uma pessoa», decidiu José Artur, mas não saberia dizer se o segredo que aquela guardava nas entranhas teria sido sempre parte do mistério que o levava a amá-la.

Acabou de subir a estrada até ao entroncamento a que chamavam Serra, à sombra do promontório do Charcão. O vento fez chiar o pequeno portão de ferro, muito enferrujado. Deixou o silêncio abater-se, deu meia-volta e tornou a fazê-lo estatelar-se contra o muro lateral.

José Artur subiu a escadaria, empurrou a grossa porta de pinho-de-flandres e entrou, segurando a aldraba para não acordar Maria Rosa. Atravessou a cozinha em direcção ao armário, mas não encontrou mais do que um pacote de bolachas sem glúten nem sabor. Desalentado, foi ao frigorífico e esticou a mão para o mesmo frasco de geleia de malaguetta a que recorrera umas noites antes.

Sentou-se a mordiscar as bolachas e a geleia, tentando empurrá-las com um resto de chá ainda morno no fundo do bule, e deu-se conta, ao longe, do murmúrio compassado de Luísa. Percorreu o corredor sem fazer ruído, assomou à porta da sala e encostou-se à ombreira,

não totalmente clandestino, mas determinado a não impedir a miúda de adormecer.

– *Há muito, muito tempo* – lia a senhoria –, *morava na cidade de Angra do Heroísmo um fidalgo que tinha uma única filha. Desde o dia em que nascera, a jovem estava prometida ao filho de um amigo do pai. Quis o destino, porém, que se apaixonasse por um rapaz muito trabalhador, mas com uma condição social muito...*

– Não! – cortou Maria Rosa, e arrastou a sílaba, como num coro escolar. – Não quero de amor, mãe. Conta uma de almas penadas!

Luísa puxou o livro contra o peito.

– De almas penadas, não, que não dormes.

Do sítio onde estava, José Artur não podia ver-lhe a face. Via-lhe o lóbulo da orelha, a curva do pescoço, um relance dos ombros pintalgados.

– Então de feiticeiras! Então de feiticeiras! – insistiu a miúda, demasiado excitada para a hora de deitar. Tinha o rabo-de-cavalo desfeito, o cabelo muito penteado atrás das costas, e desfizera-se do colo da mãe para pôr-se aos saltos sobre o sofá, numa súplica que era um ritual entre elas.

– De feiticeiras também não. Pode ser de ilhas encantadas?

– Não, mãe. Conta de feiticeiras!

Luísa arrepanhou os lábios, divertida. Acenou a cabeça de uma maneira que lhe iluminou as pequeninas sardas negras.

– Pronto, eu conto uma de almas penadas. Mas só se for de Santa Maria. Pode ser?

E a garota, pulando ainda, num frenesi infantil:

– Conta a da filha do padeiro! Conta a da filha do padeiro!

A mãe suspirou, impotente:

– Do moleiro!

E Maria Rosa fez a sua gargalhada, tapando a boca num prazer culposo.

À porta, José Artur quase sorriu. Não eram só as crianças que gostavam de histórias repetidas. Talvez a isso nos resumíssemos todos, pensou: ao conforto de um caminho já trilhado, que nos leva de regresso a casa.

A mulher reabriu o livro. Virou algumas páginas, com os dedos delgados. Deitado aos seus pés, *Papillon* pousou a cabeça, pacificado. José Artur susteve a respiração.

– *Há muitos, muitos séculos* – leu Luísa, devagar –, *vivia em Santa Maria um pobre e honrado moleiro, na companhia da mulher e da filha. Certa noite, a jovem saiu de casa e nunca mais foi vista, apesar dos esforços dos pais e dos outros habitantes da freguesia para a encontrarem.* – Fez uma voz cava. – *Depressa surgiram várias hipóteses para explicar o misterioso desaparecimento. Uns diziam que a jovem se tinha atirado ao oceano e outros que tinha sido encontrada pelas bruxas que, de tempos a tempos, passavam por aquele lugar...*

Parou a inspeccionar o rosto da filha, certificando-se de que já dormia. Levantou-se com cuidado e, ao preparar-se para a erguer no colo, deu de caras com José Artur.

– Ah, está aí, senhor professor.

Ele percebeu que fingia. Era má a fingir.

– Quantas vezes vai ela querer ouvir essa história? Ou é para si que a lêem?

A mulher devolveu-lhe uma expressão vazia e levantou Maria Rosa com custo. José Artur fez um gesto solícito, mas ela esforçou-se por ignorá-lo. Tinham gerado aquela dinâmica e agora já não havia nada a fazer.

– Boa noite – concedeu por fim a mulher, e atravessou a sala com a pequena ao colo, muito erecta, como se nenhum homem pudesse intrometer-se entre ela e a filha, aquela criança que crescia a olhos vistos e, porém, permanecia sob a sua protecção.

José Artur continuou ali, a olhá-las. Luísa calçou os chinelos deixados no corredor, com os seus modos pausados, e Maria Rosa desceu do colo dela, cambaleando a caminho do quarto sem dar sequer pela presença dele. Eram diferentes: a filha loira e festiva, pujante de excitação e de entusiasmo, a mãe morena e triste, belíssima por detrás das longas pestanas negras que se projectavam como sintomas de uma outra pessoa que quis evadir-se mas cristalizou.

Como seria ver o mundo pelos olhos dela? Que cores ganhariam as coisas – que sombras, que mistérios?

José Artur voltou para a cozinha, o cão seguindo os seus passos pelo corredor. Acariciou-o e sentiu-se triste.

Na manhã seguinte já toda a freguesia teria tomado conhecimento do esqueleto encontrado nessa tarde, na cave da velha casa do avô, a que ainda agora começara a chamar sua. Haveria perguntas, com certeza, e depois ainda seria preciso explicá-lo a Luísa e a Maria Rosa, antes que a má-língua e as superstições gerassem o alarme.

Sabia que os seus problemas apenas tinham começado, e não era evidente para ele que continuasse a haver uma razão para se deixar ficar naquela terra. Mas, de qualquer forma, ele próprio acabaria por ter de enfrentar a descoberta daqueles ossos, o significado do local onde haviam sido encontrados e a própria memória da sua proprietária.

Elisabete.



# Capítulo II

Ilha Terceira

1980

005.

A sua história com Elisabete começara bastante antes de se verem pela primeira vez. Meses antes, pensando bem: mais precisamente às quinze horas e quarenta e dois minutos do dia um de Janeiro de mil novecentos e oitenta – o dia em que a terra tremera, levando com ela o que restava da sua infância.

Só na manhã do dia seguinte José Artur se apercebeu melhor do que se passara. Saiu à rua com o avô, os dois muito agarrados um ao outro, como se ele não fosse já um rapazola de nove anos e José Guilherme tivesse deixado de ser o homem vigoroso que, nessa mesma noite, se debruçara sobre uma cadeira, com as costas viradas para a rua, a servir de porta ao oleado amarelo sob o qual tinham dormido.

Mas, então, pôde vê-las, às casas. Tinham-se desmoronado quase todas e as ruas assemelhavam-se ao que, na altura, ele imaginava ser a superfície da Lua. Paredes haviam aluído por completo e outras seguravam-se num equilíbrio instável, telhados sem sustentação pareciam prontos a ruir e automóveis jaziam pelas bermas, soterrados.

Mesmo assim, não teve logo a certeza do que aquilo significava. Nem sequer se tornou de imediato evidente para ele o tipo de tragédia que se abatera sobre o seu povo. Mesmo hoje, passados trinta e cinco

anos, dava por si a esforçar-se por reconstituí-lo em pleno na sua mente. Muitas vezes, só lhe restavam os números. Os números podiam, às vezes, disfarçar-se de memória.

Mais de doze mil casas destruídas. Para cima de vinte mil desalojados. Magnitude local de sete vírgula dois graus Richter, efeitos sobre as estruturas naturais e edificadas correspondentes a nove pontos Mercalli. Epicentro a dezanove milhas náuticas a su-sudoeste de Angra do Heroísmo e a dez quilómetros de profundidade. Setenta e três mortos entre as ilhas Terceira, Graciosa e São Jorge – o maior sismo ocorrido em Portugal desde o devastador terramoto de Lisboa, havia mais de duzentos anos.

Duzentos e vinte e cinco, precisavam os números.

E, apesar disso, não o sentira. Não se dera conta sequer de que a terra lhe tremia debaixo dos pés. Podia jurar que não tremera. Tudo aquilo de que no momento conseguira aperceber-se fora do medo à sua volta. E, de súbito, caíra a noite.

Naquele segundo dia, de mão dada com o avô, ouvindo o clamor com que as mulheres respondiam ao que pareciam ser novas réplicas, e de que ele continuava sem se dar conta, tentou fixar-se na casa dos Poeiras, no lado oposto do largo dos Dois Caminhos, mesmo em frente à casa da sua infância. Olhou a empena periclitante e o sobrado que a fachada caída deixara a nu, ambos muito sujos pela lama em que a chuva começara a transformar o pó. Fixou a fotografia de uma idosa, muito torta, pendurada solitária a meio da parede descarnada que se desmoronaria em breve.

Uma bisavó. Uma tia velha que repreendia os ressentimentos entre os seus – aquela fotografia haveria de o acompanhar durante décadas, antes e até depois do regresso à ilha.

No primeiro dia do ano de mil novecentos e oitenta, desabara afinal mais do que o véu que cobria a miséria de cada casa. Em vinte segundos apenas, desabara tudo o que aqueles homens e aquelas mulheres haviam construído durante séculos. Desabara a intimidade, mais do que o segredo.

E só nessa altura, ao olhar para aquela fotografia, José Artur ganhou consciência da agitação na sua própria casa, na tarde do dia anterior: o almoço tristonho, o grito súbito da avó, de mão no peito – e

logo a correria, ele próprio transportado em ombros para a rua, com a mãe de um lado e o avô do outro. A família toda no quintal, abraçada, a olhar para a casa cujo tecto ondulava até, por fim, se deixar cair. Os pais partindo de imediato freguesia fora, à procura de feridos. A avó agarrada ao peito ainda, como se os próprios gritos lhe faltassem agora.

E ele sem sentir a terra que tremia. Sem ouvir sequer o ronco que provinha das suas entranhas – apenas o som dos calhaus rolando uns sobre os outros, e o alvoroço das gentes na estrada.

De repente, aquele bramido em particular, rasgando a quietude que se seguiu. José Guilherme rodando a cabeça, como se a houvesse desarticulado do corpo. O que restava do telhado da casa do vizinho Cândido desaparecendo a destempe por detrás do muro que a dividia do quintal dos avós. O povo acumulado agora em torno desse escombro, numa angústia.

E José Guilherme correndo para o interior da casa, que respirava ainda. E José Artur projectando-se atrás dele. E uma criança pequena chorando, presa sob um tirante que a esmagava.

A casa como se respirasse, afita, pedra miúda escorrendo em todas as direcções. O vizinho Cândido lá fora, pranteando o pavor que o impedia de socorrer a própria filha.

Vagas imagens apenas, como na fotografia desbotada daquela tia velha. O avô tentando equilibrar-se por entre os destroços. José Artur ouvindo enfim o som da sua própria voz:

– Vavô!

E José Guilherme sacando da navalha de bolso, e cortando depressa os fiapos de roupa que prendiam a criança aos pregos destacados nas tábuas revolvidas. E escorando com as costas o tirante atravessado. E gritando:

– Sai daqui, Artur! Sai daqui!

E gemendo de esforço e de medo:

– Pela tua saúde, Artur, sai daqui! Sai daqui, pequeno!

E conseguindo soltar a criança. E agachando-se muito devagar, para pousar o tirante sem fazer aluir o que restava. E arrastando o corpo por entre as pedras, e José Artur arrastando-o agora com ele.

Quanto tempo demoraram a sair, não percebeu. Assim que cruzaram a ruína em que a porta da casa se transformara, esta tossicou pela última vez e deixou-se cair em definitivo.

Mas já os dois corriam para o *Boca de Sapo* verde-garrafa, com a criança ao colo. O carro ergueu a suspensão demasiado lentamente, a parte de trás e a parte da frente – e partiram freguesia abaixo, José Artur sentado no banco de trás, com a cabeça da menina sobre os joelhos, em sangue.

(Raquel. O que seria feito de Raquel?)

O automóvel investia contra os montes de pedras, como se os tentasse escalar. A poeira que se levantava da terra e das casas impedia-os de respirar. E, de cada vez que davam por si em novo beco sem saída, pessoas gemiam em resposta a mais um sismo de que toda a gente se apercebia, menos ele.

– Vavô! – gritava. – Depressa, vavô!

O povo reunido aos magotes, alvoroçado. Ruas interrompidas. O mar que parecia ter desaparecido, quando julgava poder avistá-lo, ao subirem pelas estradas sobranceiras à cidade. José Guilherme esmurrando o volante, como se assim pudesse ordenar às casas que recuassem e se reconstruíssem e os deixassem passar com aquela criança a morrer.

(A pequena Raquel. O que seria feito de Raquel?)

Até que perceberam que não podiam continuar e se apearam os dois, com a criança suspensa. E correram, correram, correram na direcção do serviço de urgências – várias centenas de metros ainda, Raquel tossindo baixinho, ao colo de José Guilherme.

E depois parando de tossir. Não emitindo som nenhum, como se não pudesse aguentar mais.

(O que seria feito de Raquel?)

Um bulício de macas e de gritos e de protestos à porta do hospital. Raquel acolhida finalmente pelos enfermeiros. José Guilherme parando para recuperar o fôlego, agarrado ao peito. E a terra que tremia ainda nos olhos das pessoas, sem que José Artur pudesse senti-la.

006.

Foi um tempo de dissolução de costumes e de afectos. Mas José Guilherme Drumonde, a quem chamavam O Carrapicho, não esgotara ali as suas forças. De maneira que, quando lhe apareceram no quintal três militares a propor a instalação do clã no acampamento social do Bailhão, à entrada da cidade, chamou a mulher a um canto.

O frio de Janeiro brotava como que da própria terra e Maria Edite carpia baixinho.

– O que é que dizes, Mariquinhas?

– Digo que isso há-de ser uma pouca-vergonha, nesses lugares por aí abaixo, tudo enriçado uns nos outros... – Ergueu os olhos para ele, numa súplica: – Portanto, antes dormir debaixo deste oleado o resto da vida do que ver a nossa família escangalhada.

E José Guilherme virou-se para os homens, no mesmo modo temperamental e compassivo com que fazia quase tudo:

– Preferimos tendas em condições aqui para o cerrado. Se algum dia chegarem, cá estaremos.

Os primeiros dias, tanto quanto José Artur podia lembrar-se, tinham sido os mais difíceis. Com os pais retidos no hospital, onde trabalhavam sem interrupções todos os médicos e enfermeiros da ilha, passara a viver quase em exclusivo na companhia dos avós e de dois tios velhos, todos juntos sob aquele exíguo rectângulo de plástico. As lojas e as mercearias haviam derrocado, os fornecimentos de água e electricidade continuavam interrompidos e o gás sofria constantes rupturas de *stock*, obrigando as famílias a racionar o que restava nas botijas.

Partilhavam-no umas com as outras, quando podiam, e de outras famílias ainda recebiam leite morno, nos casos em que havia vacas de criação, ou peixe seco. Não havia telefones.

A dada altura, porém, José Guilherme conseguiu encontrar entre os escombros da casa duas sacas de farinha, e, escorando o que restava das paredes com barrotes retirados do entulho, arranjou uma forma de abrir caminho na direcção do forno de lenha. Então, Maria Edite

equilibrou-se como pôde e cozeu uma fornada de pão de casa que os deixou a todos desconfiados, família e vizinhos, de que não tinham morrido ainda.

Ao fim das primeiras semanas, o Exército conseguiu fazer-lhes chegar três tendas de campanha, que o avô montou numa tarde junto ao muro oeste do cerrado, sob os abrigos de faia-da-terra. A escola reabriu, ainda que com horário condicionado, e tanto o pai como a mãe começaram a tirar uma folga de vez em quando.

Num desses dias, José Artur foi com a mãe a Angra, ao armazém de roupas usadas que as obras de caridade faziam chegar à ilha, e veio de lá vestido com um pequeno fato de bombazina castanha. Graciete deu-lhe a mão e levou-o a ver o mar. Sentaram-se lado a lado, as ondas investindo contra o cais sob o edifício da Alfândega, de que o avô se reformara havia tão poucos anos ainda, e José Artur decidiu dizer a si próprio que tudo ia ficar bem.

Ou talvez a sequência dos acontecimentos não tivesse sido bem essa. As coisas confundiam-se na sua cabeça.

O facto é que, passadas algumas semanas, os avós ganharam confiança na solidez da atafona, agora que as réplicas escasseavam, e mudaram para lá a cama e o fogareiro. Os tios velhos instalaram-se no acampamento social, e os primeiros raios de sol da Primavera trouxeram um camião carregado de tábuas, traves e telas de alcatrão, agrupadas em embrulhos grandes, cada um deles com uma etiqueta a dizer (José Artur ainda se lembrava de cada letra, tantas horas haveria de passar a olhar para elas, deitado na sua cama a ouvir o escuro) *Norsk Stave, Bryggen*.

A montagem foi uma folia. Ao segundo dia, juntaram-se-lhes vários vizinhos, disponibilizando força bruta, e as mulheres distribuía entre eles cálices de aguardente-da-terra e bolachas trazidas da venda dos Cabrinhas, agora reaberta. O sol brilhou durante uma semana sem parar. E, no fim, o celeiro norueguês, a que José Guilherme devotara os seus melhores conhecimentos de carpintaria e José Rúben toda a paciência que noutras circunstâncias lhe teria faltado, não parecia afinal um celeiro, mas uma casa – uma casa quase verdadeira, com uma porta,

uma janela e um pórtico sob cujo candeeiro, na primeira noite, haviam ficado todos a conversar.

– Amanhã dizes no hospital que eu não posso ir trabalhar, Rúben – repetia Graciete, numa excitação. – Nem amanhã, nem depois. Quero deixar tudo arrumadinho.

Mesmo assim, José Artur demorou a adaptar-se à nova casa. Ouvia barulhos, a certa altura até soluços, e além disso já se tinha habituado às tendas, onde se deixava ficar a ouvir o compasso do vento, com os pais conversando baixinho por detrás da cortina.

Às vezes acordava de madrugada, como que aflito, e dava-se conta de que estava a sonhar com palhaços, brinquedos de corda que se punham a funcionar sozinhos e caixinhas de música com melodias monócórdicas. Outras vezes, pela manhã, saía para o imenso estaleiro em que a ilha se transformara, retroescavadoras e gruas e camiões de transporte correndo acima e abaixo, e apercebia-se de que já não conseguia estar longe do celeiro.

– Estou preocupada com este rapaz, Rúben – ouviu certa vez a mãe dizer.

E, contudo, José Artur não via razão para alarme. Quando muito, sentia pena dos pais, incapazes de escutar aquele queixume, o seu timbre misterioso, o pranto e a inocência de que era mensageiro. Passou a deixar pedacinhos de comida junto ao móvel em que assentava a máquina de costura e, ao acordar de manhã, já eles não estavam lá.

O murmúrio prolongava-se, parava e recomeçava, como se procurasse corresponder às suas reacções ou então encontrasse um especial gozo em torturá-lo. Uma boneca sem cabeça aparecia no chão e, quando ele ganhava coragem para voltar a olhá-la, tinha desaparecido.

Até que, numa noite sem lua nem vento, um silêncio espectral instalado em redor, como um presságio, despertou com a mãe a abaná-lo:

– Filho! Mas o que é isso, filho? Não está aqui nada! Não está aqui ninguém!

E lá para dentro, aflita:

– Ó Rúben!

O pai veio da cozinha, arrastando os pés. Sentou-se na beira da cama, relutante, e tentou distraí-lo com caretas e mimetismos. Trocou um olhar com Graciete, expirou devagar e pôs-se a vasculhar em volta, abrindo armários e olhando na direcção dele:

– Vês? Não está aqui nada, filho. Não está aqui ninguém! – Mergulhava debaixo da cama, abria as arcas das roupas, batia com o cabo da vassoura nos cantos do tecto falso. – Não está aqui nada, vês? Não está aqui ninguém, José Artur!

Até que abriu a porta do móvel da máquina de costura. E, efectivamente, ela encontrava-se lá dentro, no sítio onde as costureiras alojavam as pernas – enroscada sobre si mesma, muito pequenina e suja, com o braço direito em torno da sua boneca sem cabeça, num lamento quase imperceptível.

– Elisabete? – surpreendeu-se José Rúben.

Mas talvez não tenha sido uma surpresa, pelo menos para José Artur.

## 007.

A miúda aparecera algumas semanas antes, pela mão de um tio, que viera pedir para ocupar uma das tendas deixadas livres no cerrado. Chegaram ao final de uma tarde de sol e de frio e sentaram-se sob o pórtico do celeiro.

– E aquela do velhote que sabia medir a força das réplicas? – voltou o homem. – Estavam dois velhotes sentados no Pátio da Alfândega e, de cada vez que havia uma réplica, um deles dizia: «Quatro vírgula dois», «Três vírgula nove», «Cinco vírgula um»... Pergunta o outro: «Eh, huóme, mas como é que tu medes isso?» E responde ele: «É conforme o cagaço.»

Riram-se todos, Elisabete dispersando o olhar entre os adultos, aturdida ainda.

José Guilherme tornou a encher o cálice de Paulo Jorge, que o bebeu de um trago e o pousou sobre a mesinha, procurando uma medida de ruído que ao mesmo tempo demonstrasse respeito e pedisse mais.

Contou histórias de catalepsias, ressuscitações e valas comuns descobertas ao redor da ilha, nos dias a seguir ao sismo. Pessoas haviam sido veladas como mortas e depois tinham saltado da urna durante a missa de corpo presente. Coveiros tinham sentido barulhos debaixo da terra e acorrido a desenterrar caixões, onde agora jaziam mortos de olhar vidrado e roupas rasgadas, como se se houvessem debatido por evadir-se.

– E outras foram enterradas ao monte, como bichos.

Apesar disso – explicou –, o povo ia reagindo. Várias freguesias começavam a preparar-se para o Espírito Santo. No Carnaval, um mês antes, já tinha havido até meia dúzia de bailinhos, quase todos com enredos sobre o próprio Abalo.

– Bom, isso é que é importante – suspirou José Guilherme. – O resto, tem de se dar um desconto.

Disse-o e ergueu-se, batendo com as mãos uma na outra e dando por encerrado o serão.

– Portanto, o meu amigo quer ficar numa das tendas, não é assim? Fica naquela da direita, ali contra o muro, que está mais protegida do vento norte.

Maria Edite pigarreou.

– José, posso falar contigo aqui uma pisca?

Tudo naquele tempo continuava a parecer-lhe perigoso e devasso. Ouvia as notícias do Rádio Club de Angra durante o dia inteiro, preocupada em absorver toda a informação sobre as operações de rescaldo e os planos de reconstrução, e embarcava num alarido temeroso sempre que José Guilherme saía para algum lado.

– Ai, meu Deus, o que é que vai ser desta terra? O que é que vai ser desta terra?

Só sair dali já lhe parecia um perigo, mesmo que apenas para deixar José Artur na escola, poucas centenas de metros mais abaixo. Quando o filho e a nora iam trabalhar, era um tormento. E deixar que estranhos se lhes juntassem naquele quintal, naquele cantinho de paz onde à noite podiam reunir-se todos, assustava-a ainda mais.

– José – rogou –, tu deixas entrar estes e amanhã há aí mais um monte deles para ocupar as outras duas tendas.

Toda a gente a podia ouvir, mas nem por isso Paulo Jorge reagiu. Estava consciente da subalternidade da sua posição.

José Guilherme olhou para a mulher. Sorriu. Nada aplacava os nervos de Maria Edite como o sorriso daquele homem.

– Mariquinhas, não podemos fazer nada. Eles vêm andando a pé desde o Raminho, dorme aqui, dorme acolá, e aquela criança está com fome.

– Mas é um bêbedo, José. E eu nem sequer sei se ela é mesmo sobrinha dele. Tu sabes?

Mas já José Guilherme partia cerrado dentro, com uma lanterna na mão, Paulo Jorge seguindo-o de perto, muito magro e curvado, com um saco de lona às costas. Tinha o bigode amarelecido pelos cigarros e um farelo branco escorria-lhe dos ombros. Inspirava pena.

Elisabete parecera primeiro surpreendida com aquele súbito rebuliço e depois correrá ao encontro do tio, agarrando-se-lhe à perna. Em nenhum momento olhara para trás. E a última vez que se falara neles, até ao dia em que a miúda reapareceu dentro de um móvel de máquina de costura, fora na manhã seguinte, quando José Guilherme acordara o filho e a nora, chegados muito tarde do turno, e lhes explicara que agora vivia ali uma criança subnutrida e que um deles devia fazer-lhe um curto exame.

– De preferência José Rúben, que sempre é melhor um médico do que uma enfermeira.

Anos mais tarde, José Artur haveria de recordar esse momento, o desdém com que o avô proferira aquela palavra, «enfermeira», como mais um sinal de que nem tudo estava bem naquela família. Entretanto, porém, começaram a chegar os operários e os materiais para a reconstrução da casa grande, a algazarra espalhando-se pelo quintal, e esqueceu-se de tudo o resto, absorto com a demolição do que restava do edifício, a abertura de novos alicerces e a promessa de uma festa para breve, por ocasião do enchimento da primeira placa.

Só José Artur e a avó pareciam menos entusiasmados do que era suposto. A sua casa de madeira fazia barulhos estranhos, e a circunstância de mais ninguém os ouvir, como ele próprio não sentia o tremor dos abalos de terra, só acentuava a sua solidão.

Quando, enfim, se voltou a dar conta da existência da miúda, os seus olhinhos pretos e tristes tremeluzindo à luz ténue do celeiro norueguês, algo dentro de si se alvoroçou. Tortura e libertação haviam chegado, afinal, por intermédio daquele mesmo ser pequenino e de cabelos desgrenhados. E, ao tornar a olhar Elisabete, enrolada na sua própria toalha turca, com as faces rosadas do banho geral que Graciete se apressara a dar-lhe, pareceu-lhe bela: uma linda menina de tez morena e cabelos compridos, de cujo braço amputado pelo cotovelo um rapaz podia esquecer-se, e que ele agora gostaria de poder levar a ver as gruas, os mestres do Continente, com os seus sotaques arredondados, e aqueles camiões grandes que faziam barulhos hidráulicos como os das naves espaciais.

## 008.

Começou então uma nova fase na relação de José Artur com aquele tempo e com aqueles escombros. «É preciso enxugar as lágrimas e arregçar as mangas!», repetia, na rádio, o presidente do Governo Regional. E talvez, sendo ainda pequeno para trabalhar, ele pudesse ao menos mostrar um pouco do mundo àquela criança indefesa e ignorante, cujo tio não tivera o cuidado sequer de matricular na escola.

– Quantos anos tens, Elisabete? – perguntara-lhe, logo na primeira noite, Graciete, na expectativa de que a interação entre os dois pudesse trazer a menina de volta desse sítio onde se havia refugiado.

Elisabete não respondera, os olhos postos nele, mas ausentes, vazios. E também não respondera no dia seguinte. Nem no outro, em que José Artur viera da escola, pousara o saco com os livros de leitura e se fora sentar diante dela, decidido a despertá-la de uma vez, com perguntas e histórias e magias.

Até que, passadas três noites, José Artur abriu os olhos de manhã e tinha-a de pé ao lado da cama, mirando-o com penetrada, a mão direita bem aberta ao alto e o que lhe restava do braço esquerdo erguido ao lado, completando a contagem.